

**CHAVE:**  
**advérbio**  
**de lugar**

Copyright © Mary Difatto, 2023

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem  
os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Da autora

CAPA E EDITORAÇÃO Luiz Guimarães

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

D568c

Difatto, Mary, 1974-

Chave: advérbio de lugar / Mary Difatto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital,  
2023.

118 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7785-881-1

1. Romance brasileiro. I. Título.

23-86083

CDD: 869.3

CDU: 82-93(81)



---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

13/09/2023 18/09/2023

LETRA CAPITAL EDITORA  
Tels.: (21) 3353-2236 / 2215-3781  
vendas@letracapital.com.br  
www.letracapital.com.br

*Mary Difatto*

**CHAVE:  
advérbio  
de lugar**

LETRAPITAL



# Sumário

## 9 ALGURES

11 A chave perdida, a liberação de um mundo liberto

25 Sala 1:

O sofá preto estofado, pronto para descansos de toda ordem

37 Sala 2:

Estante de livros dos conteúdos não terminados

47 Cozinha calma para as reflexões esquecidas

60 Um quarto que é um quinto da casa

## 71 ALHURES

73 Banheiro dos banhos e dos acasos

85 Quintal sem pomar, não pode frutificar

## 95 NENHURES

97 A rua do deserto e do congestionamento;  
a rua de qualquer perda

## 111 CHAVE



*“Chave que se usa, está sempre limpa.”*  
(Provérbio português)



# ALGURES



## *A chave perdida, a liberação de um mundo liberto*

**E**la havia chegado de algum lugar não obscuro, não obstante, inconveniente, para mulheres modernas e empoderadas se atreverem: aceitara bebida paga por um homem desconhecido.

Mas, no seu conceber, a liberdade feminina incluía também isso, de se ser “presa por vontade”, meio que parafraseando Luís de Camões, de olhar para a cara de um homem, e escolhê-lo para pagar uma bebida, mesmo possuindo posse básica para usufruir de um luxo a mais de fim de semana.

Domingo, ora bolas, voltava à tarde para casa.

Parte da manhã no deleite da companhia masculina do “estranho” pagador de bebida lícita.

Bebia pela manhã, sim.

Não na aurora; deixava avançar para 11h.

E bebia.

Um dia de muitos, lhe informaram que era costume “homens estranhos” apelarem para o famigerado “Boa noite, Cinderela!”, e a desavisada vítima embarcar num sono diversas vezes eterno, tendo seus corpos, enterrados quase como indigentes.

Costumava debochar da retórica dos preocupados.

Bebia de dia. Cinderela era a moça do borralho da meia-noite. “Cadê meu sapatinho de cristal?” Não havia calçado algum para perder.

Debochava apenas externamente, para posar de valente.

Dentro de si, porém, era mais atenta que todas as mulheres do universo: só ingeria algo que ela pudesse avistar de onde vinha.

A garrafa de uma cerveja, por exemplo, somente sendo aberta a sua frente é que “caía dentro”, qual uma sedenta do deserto de um Saara confiável. Nada de segura de líquidos, nem de prazer.

Tinha 27. Aqueles 27 anos que pretendia não fazer parte do “Clube”.

Havia separado recentemente.

Ainda doía saber que estava liberta. Sem filhos, sem preocupação. Sem marido para cobrar-lhe fidelidade. Sem passado que a prendesse. Nem futuro que a arrebatasse. Um presente límpido. Estoica e libertinamente *livre*.

Como os vizinhos iriam mexericar agora? Ela se divertiu com um homem anônimo, e não precisava dar satisfação a ninguém.

Não havia mais seu digno marido cobrando pelo o que apenas *via*.

Droga!

“Saiu com quem?”

“Com ninguém!”

“Mas eu te vi com um sujeito no barzinho ali do Montanha!”

“Eu não saí com ele. Quando cheguei, ele já estava lá!”

“Você é muito cínica!...”

“É verdade!”

“Está se fazendo de desentendida só pra me aborrecer...”

“Tudo você pensa mal de mim...”

“Você dá margem pra eu pensar assim Por que não age como uma esposa normal feito as outras? Assim não dá pra aguentar! Uma mulher cínica, que me passa pra trás na maior cara de pau!...”

“Bebi, ‘tá, ‘tá, mas foi só isso... Você queria que eu fosse mentirosa, é? Que diz que vai ao *shopping*, e te trai com qualquer homem por aí?”

Ele ficaria calado. Saberria que a esposa era direta em suas intenções.

Criou às pressas as indagações, que apenas habitavam o seu campo das ideias, geralmente após umas doses extras.

Seu ex-marido nunca lhe cobrara *nada*.

Poderia ela beber, e ter qualquer atitude ousada, que o ainda rapaz não lhe devolveria um sermão, não provocaria um entrevero sequer.

O casamento acabou mais por falta de assunto. Olhavam-se e cumpriam com as funções conjugais, como era o ato rotineiro de alimentar-se no almoço.

Quando perceberam – com quatro anos de casamento – que era um “porre” estarem juntos, quase em unísono pediram a separação.

Familiares e amigos lamentaram mais que os ex-cônjuges.

Eles eram quietos, trabalhadores, não se metiam com ninguém, passavam mais da metade do tempo na rua. Só aos sábados botavam som alto (ele, pagode clássico; ela, *rock* de qualquer vertente) por três horas mais ou menos, e em horários que não burlavam a lei do silêncio.